

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS**

**DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**

O *passado prático* na prática: a mobilização do passado como um elemento na luta pela reforma agrária no Brasil<sup>1</sup>

Roberto Venturela Verna

Orientador Nilton Mullet Pereira

**RESUMO:** Neste artigo será abordada a relação entre o ensino de história e a manutenção da luta pela reforma agrária, a partir das diretrizes educacionais desenvolvidas no Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra. Mobilizando, sobretudo, o conceito de *passado prático*, serão trabalhados os efeitos que esta forma de se utilizar do conhecimento do passado desperta nos integrantes do movimento e como este aspecto influencia em suas ações no presente. Será aqui destacado a importância da memória e da imaginação para se construir a sociedade que o movimento almeja e luta para conquistar.

**Palavras-chave:** Passado prático; MST; Ensino de História; Pedagogia do trabalho; Educação; Resistência.

**RESUMEN:** En este artículo se discutirá la relación entre el ensino de historia y la mantención de la lucha por la reforma agraria, partiendo de las directrices educacionales desenvueltas en el Movimiento de los Trabajadores Rurales sin tierra. Movilizando, principalmente el concepto de pasado práctico, serán trabajados los efectos de utilizar el conocimiento del pasado para despertar en los integrantes del movimiento y influenciar sus acciones en el presente. Aquí será demostrada la importancia de la memoria y de la imaginación para que se pueda construir la sociedad que el movimiento sueña y lucha conquistar.

---

<sup>1</sup> Trabalho de Conclusão de Curso de graduação no formato de artigo de periódico apresentado ao Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em História. Orientador(a): Prof(a). Dr(a). Nilton Mullet Pereira

**Palavras-clave:** Pasado practico; MST; Ensino de historia; Pedagogia del trabajo; Educación; Resistencia.

**ABSTRACT:** In this paper will be discussed the relation between history teaching from the educational guidelines made in the Landless workers movement and the maintenance of the struggle for agrarian reform. Using the concept of practical past, will be debated the effects in this form of using what past knowledge awakens in the members and how this aspect can influence their actions in the present times. Will highlight the importance of memory and imagination to construct the society that the movement desires and fights to conquest.

**Key-words:** Practical past; MST; History teaching; Work pedagogy; Education; Resistance.

Autobiografia

Mas porém como a leitura  
É a *maió diciprina*  
E veve na treva *iscura*  
Quem seu nome não assina,  
Mesmo na lida pesada,  
Para uma escola atrasada  
Tinha uma parte do dia,  
Onde estudei *argum* mês  
Com um *veio* camponês  
Que quase nada sabia.  
Meu *professô* era fogo  
Na base do português,  
Catálogo, era *catalôgo*,  
Mas grande *favô* me fez.  
O mesmo nunca esqueci,  
Foi com ele que aprendi  
Minhas *premêra* lição,  
Muito a ele tô devendo,  
Saí escrevendo e lendo  
Mesmo sem pontuação.  
Depois só fiz meus estudo,  
Mas não nos livro da escola  
Eu gostava de *lê* tudo,  
Revista, livro e *jorná*.

Com mais uns tempo pra frente,  
Mesmo vagarosamente,  
Não errava nenhum nome.  
Lia no claro da luz  
As pregação de Jesus  
E as injustiça dos *home*.<sup>2</sup>

## INTRODUÇÃO

O Movimento dos Trabalhadores sem-terra<sup>3</sup>, o MST, é conhecido por sua luta pela reforma agrária. A questão da terra no Brasil, nunca fora resolvida de forma eficaz e justa. Latifúndios, terras improdutivas, fazendas que não cumprem com sua função social<sup>4</sup> e proprietários que têm dívidas com a União ainda concentram a maior parte das terras no país. O MST, apontado muitas vezes pela mídia alinhada aos interesses da burguesia como terrorista<sup>5</sup>, é um grito para que se cumpra com a lei da reforma agrária<sup>6</sup>, prevista na Constituição de 1988<sup>7</sup>. De acordo com a carta, as terras que não cumprem com sua função social devem ser destinadas à reforma agrária. Entretanto, isto não acontece como deveria, ou seja, a maior parte das

---

<sup>2</sup> SILVA, Antônio Gonçalves. Conhecido também como Patativa, o poeta foi homenageado no site MST. Poesias estão disponíveis no próprio site do movimento:

<https://mst.org.br/2021/03/05/parabens-patativa-7-poemas-de-assare-neste-especial-de-aniversario/>. Acesso em 14/03/2023

<sup>3</sup> O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) é um movimento social, de massas, autônomo, que procura articular e organizar os trabalhadores rurais e a sociedade para conquistar a Reforma Agrária e um Projeto Popular para o Brasil. Informação retirada do site do próprio movimento, disponível em: <https://mst.org.br/quem-somos/>. Acesso em: 16/03/2023.

<sup>4</sup> A função social da terra é regulamentada pelo Estatuto da Terra, Lei nº 4.504/1964, com modificações em 1998 e 2007, mas que não alteram o sentido da função social. A função social é uma ferramenta utilizada pelo MST para garantir que as terras ocupadas por latifundiários estejam cumprindo com funções para a sociedade.

<sup>5</sup> Informações retiradas de: GUZZO, J. R. Governo Lula troca êxito do capitalismo no campo por interesses do MST. Estadão, Online, 22 de fevereiro de 2023. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/politica/j-r-guzzo/governo-lula-troca-exito-do-capitalismo-no-campo-pelos-interesses-do-mst/>. Acesso em 30/03/2023; AZEVEDO, Reinaldo. O MST e o terrorismo oficializado. Revista Veja, online, 05 de novembro de 2009. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/coluna/reinaldo/o-mst-e-o-terrorismo-oficializado/>. Acesso em: 17/03/2023.

<sup>6</sup> Lei n. 8.629 de 25 de fevereiro de 1993, dispõe sobre a regulamentação dos dispositivos constitucionais relativos à reforma agrária, previstos no Capítulo III, Título VII, da Constituição Federal.

<sup>7</sup>Também conhecida como Constituição Cidadã, é o código de leis que rege a república brasileira atualmente. O documento está disponível na íntegra no site do Planalto: [Constituição \(planalto.gov.br\)](https://www.planalto.gov.br/). Acesso em 21/03/2023

terras que deveria ser destinada à reforma segue nas mãos de latifundiários que utilizam da improdutividade dos campos para a especulação ou reserva de valor em lotes. (SAYAD, 1982, p.88)

O MST luta, portanto, para que essas terras improdutivas passem para a posse de agricultores destituídos dos meios de produzir a sua subsistência e para que as terras voltem a cumprir com a sua função social. Além de gerar empregos no campo, haveria maior oferta de alimentos saudáveis no mercado além do fato de diminuir a especulação sobre o campo e trazendo uma maior segurança alimentar para a sociedade (ASSUNÇÃO, 2014)<sup>8</sup>. Estes aspectos mencionados aqui configuram a luta inicial do movimento. Entretanto, como é sabido, por mais legítima que seja a luta para que se cumpra um aspecto da Constituição e uma injustiça, este processo implica uma onda de violência e condenação ao movimento. Muitos foram os enfrentamentos e as mortes sofridas por integrantes do MST<sup>9</sup>.

Além do enfrentamento armado, há a violência simbólica, produzida pela ideia de ilegitimidade de ocupação das terras e a inversão da relação criminoso-culpado pela mídia alinhada e comprometida ao *status quo* da burguesia. Desse modo, o movimento trava uma dupla batalha, uma a favor do cumprimento da Constituição e outra contra a desinformação.

No entanto, desde as primeiras ocupações, a formação dos primeiros assentamentos e a consolidação do movimento, uma demanda imediata fora identificada, a da educação, que será o enfoque deste artigo. No MST, há uma rede complexa de organização entre produção, educação, luta, etc. Desse modo, para se fazer a administração, a contabilidade da produção nos assentamentos, era necessário conhecimento técnico, logística e um corpo técnico qualificado para a realização destas variadas tarefas: *“a escola precisa ajudar para que o acampamento dê certo . E também precisa ajudar para que a organização avance ou para que uma ocupação dê resultado”*. (Boletim de Educação nº4, 1994, p.94)

---

<sup>8</sup> ASSUNÇÃO, Valmir. Online 24/01/2014. Disponível em: [Valmir Assunção: A necessidade da Reforma Agrária para o Brasil - MST](#). Acesso em: 31/03/2023.

<sup>9</sup> Informação retirada de: FUHRMAN, Leonardo; TOSCANO, Camilo. Veja a cronologia das mortes de membros do MST a partir de 2000. Folha de São Paulo, 24 de abril de 2001, online. Disponível em: [Folha Online - Brasil - Veja a cronologia das mortes de membros do MST a partir de 2000 - 24/04/2001 \(uol.com.br\)](#). Acesso em 01/04/2023.

De acordo com Mitsue Morissawa, nas primeiras ocupações e assentamentos do movimento, assim como a maior parte da população rural brasileira, a maior parte dos camponeses chegados ao movimento era analfabeta ou possuía baixíssima escolaridade. Desse modo, a necessidade de um projeto de educação interno no movimento tornou-se latente, pois a manutenção do movimento dependeria disso. Ou seja, a sustentabilidade financeira do movimento passa pelo conhecimento administrativo, a produção na lavoura necessita um corpo técnico que compreenda mais do que os ciclos da plantação, mas que compreenda sobre solos, fertilizantes, qualidade de sementes, etc. A continuidade da luta requer membros militantes que tenham conhecimento sobre a legitimidade sobre a luta travada, portanto que conheçam o histórico de exclusão nos campos e o lugar que este agricultor ocupa na sociedade (MORISSAWA, 2001, p.239).

Neste artigo, que também é o Trabalho de Conclusão de Curso da graduação em História, serão abordados temas relacionados ao MST e a educação, sobretudo o ensino de História. O objetivo é demonstrar como a educação e o ensino de História não são apenas um aspecto de cidadania dentro deste movimento social, mas também uma ferramenta que garante a manutenção e a continuidade da luta. Formando cidadãos questionadores do mundo que o cerca e tornando agricultores sem-terra em militantes capazes de reivindicar seus direitos e denunciar as injustiças sociais vividas, o movimento acredita e busca desenvolver uma educação com a função social de formar indivíduos autônomos e críticos e levá-los a desenvolver as capacidades intelectuais e afetivas adequadas (LUCINI, 2005, p.2)

### **A Luta e a educação: a percepção da necessidade de um método pedagógico para a continuidade da luta.**

No início do movimento, entre o final da década de 1970 e o início da década de 1980, a preocupação que se deu inicialmente era sobre a ocupação e conquista da terra. No campo, uma grande parte da população é analfabeta ou possui escolaridade muito abaixo das estatísticas urbanas, o analfabetismo no campo atinge 20% da população, 70% a mais do que na zona urbana (Censo Escolar 2014<sup>10</sup>). Em dados do IBGE de 1995, o analfabetismo em regiões rurais chegava a

---

<sup>10</sup> Estatísticas do Censo 2014 retiradas do site do Ministério da Educação. Disponível em: [Notas Estatísticas do Censo Escolar 2014 final \(inep.gov.br\)](https://inep.gov.br/estatisticas-do-censo-escolar-2014-final). Acesso em 17/03/2023.

32,7%. Com isso, aliado às demandas que surgiam nos acampamentos e ocupações, a educação surge como uma necessidade dentro do movimento. Para a manutenção da luta são exigidos conhecimentos práticos sobre economia para a sustentabilidade do movimento, são necessários conhecimentos científicos para toda a cadeia que envolve a produção agrícola. Além de claro, ser necessário para a formação de militantes conhecimento sobre a política econômica e social. (Caderno de Educação nº14, 2014, p.26)

A partir deste momento, com a identificação desta demanda pela educação, a organização do movimento prevê que em cada ocupação ou assentamento deve haver a presença de uma escola, além de nos acampamentos e marchas haver a presença das escolas itinerantes<sup>11</sup>. Alcançando ou construindo este modelo de educação almejado, o MST passa a dispor de arma de “duplo alcance”, pois para os pais é a garantia de que seus filhos serão educados e estarão na escola enquanto trabalham para garantir a sobrevivência. (MORISSAWA, 2001, p.239) Além disso, com o modelo de educação adotado pelo MST, o futuro do movimento poderá ser preparado desde o presente, agora por novos agricultores e ou militantes que possuem conhecimento acerca da política nacional, detém noções de economia e das técnicas que envolvem o trabalho no campo, além da leitura complexa que fazem das relações sociais e da capacidade de se fazerem ser ouvidos através de denúncias sob diversos meios e canais.

O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, o MST, é um movimento de luta, com um histórico grande de ataques e confrontos, sejam eles diretos ou indiretos. Criminalizado por uma grande parcela da sociedade, combatido por forças policiais e difamado pela mídia comprometida com o *status quo* dominante. Entretanto, mesmo com todos os sucessivos ataques, o MST resiste, convicto na justiça, na vitória e na luta pela reforma agrária. O sistema, por si próprio, cria novos agricultores afastados dos meios de produção. Mas além disso, a luta pela terra não se dá apenas no enfrentamento, as cercas não são os únicos obstáculos a serem derrubados pelo movimento.

---

<sup>11</sup> As Escolas Itinerantes são voltadas para as crianças, jovens e adultos oriundos do movimento em estado de itinerância, ou seja, enquanto estão acampados lutando pela posse da terra. Informação retirada de: <https://mst.org.br/educacao/#:~:text=A%20Escola%20Itinerante%20foi%20criada,improdutivas%20e%20implanta%C3%A7%C3%A3o%20do%20assentamento> . Acesso em: 01/04/2023.

A educação, que é uma das prioridades do MST, possibilita que um agricultor oprimido tenha a capacidade de compreender o mundo que o cerca e está envolvido de maneira mais complexa. As relações de opressão, a percepção da injustiça, da exploração e da violência intrínseca que o processo de concentração da terra carrega não são inatos do homem ou da mulher, mas sim desenvolvidos a partir de suas experiências e, no MST, também a partir da educação desenvolvida no seio do movimento. Muitas vezes, o agricultor quando se vê sem um pedaço de terra para cultivar se junta ao movimento, mas não movido pelos ideais que possui em comum com os antigos membros, sim por ouvir dizer que haverá dignidade nos assentamentos, haverá o que comer, poderá se engajando na luta, talvez, conquistar um quinhão de terra para poder semear e viver de seu trabalho (CALDART, 1987, p.104).

Com a possibilidade de escapar da fome e com a esperança em retomar certa dignidade, o expropriado passa a integrar o movimento. No entanto, mais do que ter de comer, o agricultor poderá ter acesso à educação, mas não a educação dotada de valores e reprodução das relações burguesas, e sim uma educação libertadora, crítica, questionadora, diretamente ligada à realidade do campo. Considerada subversiva e incessantemente atacada, esta educação lhe possibilitará abrir os olhos para a realidade que o envolve, entender por que a terra está concentrada na mão de tão poucos, por que a produção mesmo que extensiva no latifúndio está diretamente associada a fome, por que a reforma agrária é tão necessária para a sociedade e por que é legítimo do ponto de vista ético que se ocupe terras.

Saber ler não basta para o movimento. É necessário que se tenha conhecimento além da identificação das sucessivas palavras postas em qualquer fragmento de texto, mas que se saiba ler e interpretar os seus significados. Fazer perguntas ao que está escrito, questionar o que se diz, entender sobre os sujeitos mencionados, o contexto nos quais estão inseridos, quais as relações sociais que os cercam. Estes, são questionamentos necessários para a apreensão e compreensão do lugar no mundo que o agricultor sem-terra ocupa na sociedade. Sem estes conhecimentos prévios, dificilmente o sem-terra saberá da legitimidade do movimento e da importância que ele tem para a sociedade e para que a reforma

agrária seja realizada. Como Paulo Freire dissertou em sua obra: *“Não basta ler que Eva viu a uva. É preciso compreender qual a posição que Eva ocupa no seu contexto social, quem trabalha para produzir a uva e quem lucra com esse trabalho”* (FREIRE, 1991, p.01/0)

A educação, entretanto, não é um apêndice do movimento, mas sim um aspecto indissociável deste movimento social e da luta que trava. O agricultor não luta através da enxada e da foice apenas, também com uma caneta ou pedaço de lápis oferece resistência e continuidade à luta legítima que trava. Desse modo, a educação dentro do movimento representa a manutenção da luta. E é a partir dela que os agricultores sem-terra podem compreender de forma mais complexa as relações sociais nas quais estão inseridos, as injustiças de que são vítimas, seu histórico de exclusão, seus direitos e suas conquistas. A educação do movimento, portanto, não apenas constrói conhecimento junto dos educandos, mas forma militantes conscientes da luta que travam e da importância do papel que desempenham na sociedade brasileira.

Desse modo, a educação desenvolvida no MST não é algo que se dá de maneira externa ao movimento dissociada de seus integrantes. Ela é pensada pelos e para os seus integrantes. Diferentemente da concepção bancária de educação<sup>12</sup>, os educandos envolvidos no processo de aprendizagem construirão junto dos educadores subsídios para entender e questionar o mundo. E é utilizando das experiências de vida e do conhecimento empírico dos próprios membros do movimento em toda sua heterogeneidade e pluralidade de experiências, que construirão formas de conhecimento úteis para a manutenção do movimento e para o seu futuro.

## **A Escola do Trabalho**

A pedagogia do movimento acredita que os conteúdos trabalhados devem estar associados ao cotidiano prático dos alunos, ou seja, que o aprendizado deve

---

<sup>12</sup> O modelo de educação que Paulo Freire critica e combate. Para o pedagogo, neste modelo de educação, os educandos seriam um depósito do conteúdo despejado pelo professor de maneira acrítica. O conceito é desenvolvido na obra *“Pedagogia do Oprimido”*. FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. Editora Paz e Terra, 2014.

estar vinculado ao seu uso e aplicação. É no próprio assentamento que irão utilizar os conhecimentos adquiridos ao longo do processo de aprendizagem. Não apenas para colaborar com o coletivo do movimento os trabalhos desempenhados pelos educandos são úteis, como para os próprios a aprendizagem passa a fazer mais sentido, desperta o desejo de querer colaborar cada vez mais para o ganho da comunidade, há o interesse em buscar meios que facilitem e melhorem de algum modo a vida de seus próximos e de si próprio. É nas demandas da comunidade que o aprendizado se faz necessário, com a possibilidade de contribuir com a solução dessas demandas que se constrói a pedagogia voltada ao trabalho. Na realização das atividades surgem dúvidas, questionamentos, necessidade de conhecimento teórico que os educandos se voltarão para os profissionais da educação das escolas, que também são membros do movimento, buscando a construção do conhecimento necessário para a resolução das questões da comunidade.

O Boletim da Educação nº4<sup>13</sup> (1994) define a *escola do trabalho* como uma: escola do trabalhador, ou seja, da classe trabalhadora. Segundo o movimento, há uma enorme potencialidade pedagógica no trabalho e por isso, a escola deve se valer desse potencial na sua proposta de educação. Para o MST, a transformação do conjunto da sociedade acontecerá se as pessoas forem educadas como trabalhadores.

De acordo com esta pedagogia, o que mais educa é a ação, a prática do dia-dia, “*o trabalho é o princípio educativo fundamental*” (Caderno de Educação nº9, 1999, p.221). Nesta concepção de educação, a prática do trabalho deve estar diretamente relacionada à educação, é a partir das ações no trabalho que surgem dúvidas, questionamentos e a necessidade do aprimoramento de técnicas. E é, no espaço da escola, que se pode construir a resolução para essas perguntas.

Deste modo, a escola e trabalho não são apenas complementares, mas se atravessam na vida dos educandos de um assentamento. Além disso, de acordo com esta mesma concepção, o trabalho ainda pode agregar em muitos outros sentidos. O senso de responsabilidade, de respeito, de cooperação estão todos imbricados nesse formato de educação. Não são meros cumprimentos de tarefas

---

<sup>13</sup> Os Boletins de Educação tem como objetivo orientar os professores das escolas de assentamento na construção e consolidação da escola . Foi criado com o intuito de ser ágil e dinâmico para circular entre os assentamentos das mais variadas regiões e subsidiar o trabalho dos professores.

delegados aos alunos da escola do MST, mas sim o contato com a teoria e a prática daquilo que o movimento considera útil para o coletivo do assentamento ou acampamento. Esse modelo de pedagogia espelha na educação aquilo que se almeja para o futuro da sociedade, construindo valores coletivos, democráticos que o movimento considera fundamental para a transformação necessária na realidade vigente. De acordo com o Boletim da Educação N°04 (apud GUEVARA, 1994, p.9) “o importante é que os homens vão adquirindo cada dia mais consciência da necessidade de sua incorporação à sociedade e, ao mesmo tempo, de sua importância como motores da mesma”.

O movimento acredita que ao desenvolverem formas de trabalho úteis para a comunidade, os integrantes vão se percebendo como importantes para a manutenção e continuidade do movimento. Com isso, passam a valorizar o aprendizado e o trabalho dos demais integrantes do movimento, pois passam a enxergar na realização do trabalho coletivo a melhora da comunidade em que vivem. Além disso, percebem que o movimento prospera a partir da cooperação e que o trabalho coletivo traz ganhos para toda a comunidade e não apenas a terceiros.

### **Análise do Currículo de História**

Cabe aqui destacar que as escolas do MST são escolas públicas que seguem a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), do Ministério da Educação. O que difere da escola tradicional é a metodologia com que os conteúdos são abordados. Nesse sentido, o currículo das escolas de assentamento são flexíveis de acordo com a particularidade de cada região. O que os Cadernos de educação fornecem sobre o ensino de história são sobretudo orientações e sugestões para o que se deve evidenciar a partir do estudo de determinados conteúdos.

Como já exposto, a pedagogia do MST possui diretrizes básicas que determinam o uso prático dos conhecimentos construídos, partindo da realidade dos alunos e desenvolvendo pensamento crítico acerca da leitura da realidade. Portanto, as disciplinas que compõem o currículo partem desses critérios para a construção de conhecimentos. Para o desenvolvimento desta pesquisa foram utilizados,

principalmente, dois documentos que sintetizam conteúdos básicos a serem discutidos com os alunos.

O primeiro, o “Caderno de Educação Nº1” (1991) em dois tópicos distintos descreve o que o movimento deseja em cada área de estudo e sugere uma listagem mínima de conteúdos. Esse primeiro documento trata sobre o ensino nas escolas de primeira à quarta série. Já o segundo documento, o “Caderno de Educação nº13” (2007) visa sugerir propostas e temas a serem desenvolvidos entre os educandos da quinta a oitava série.

No “Caderno de Educação nº1”, que trabalha sugestões de assuntos para crianças de primeira à quarta série, não possui uma sessão reservada especificamente para a disciplina história, mas sim de “Estudos Sociais”, que compreende sobretudo as Ciências Humanas. Alguns tópicos cabem diretamente a outras disciplinas que não a história. Por isso, serão destacados aqui somente aqueles que estão diretamente relacionados à disciplina trabalhada no artigo. De acordo como o documento, é afirmado que o que se quer através destes conteúdos é ajudar na compreensão de:

- *“situar-se no tempo e no espaço, primeiro na sua realidade próxima e aos poucos no mundo como um todo;”*
- *“Resgatar a memória histórica do povo trabalhador a que representa, principalmente aqueles elementos culturais que ajudem no avanço da luta;”*

As sugestões de listagem mínimas a serem abordados com essa etapa da educação enfatizam um foco: *“noção de tempo e espaço na perspectiva de entender o homem como sujeito de transformação da natureza e da sociedade”*. Eis a listagem mínima:

- *“Como se caracteriza o trabalho na agricultura, na indústria, no comércio. A trajetória dos produtos do nosso assentamento: para onde vão? quem industrializa? quem comercializa? como retorna a nós? Como surgiu a agricultura, como surgiu a indústria e o comércio? No assentamento, no município, na região. O que é desemprego. Por que muita gente sai do campo e vai para a cidade? O trabalho das mulheres e crianças no assentamento?”*
- *“Noção de tempo histórico através da linha de tempo: reconstrução da história da vida das crianças dentro das história de suas famílias, por sua vez dentro da história da conquista do assentamento associando a história da luta pela terra e com episódios da história do município do Estado e do Brasil”.*
- *“Situação agrária (distribuição de terra) no município, na região e estado. Conflitos e violência na luta pela terra. Migrações e formações das populações do município, região e assentamentos”.*
- *“Sindicatos e Partidos Políticos (começando pelos do município) o que são, como funcionam, para que servem”.*

- *“Trabalho em torno de datas significativas para a classe trabalhadora (começando pela festa do Assentamento e chegando a fatos históricos da luta da classe trabalhadora no Brasil)”.*

O currículo dos anos finais do Ensino Fundamental, isto é, de quinta a oitava série, engloba os conteúdos vistos de primeira à quarta, mas tem ampliação e incorporação de demais assuntos que podem ser importantes na formação identitária do movimento. Nessa etapa de conhecimento, há uma disciplina específica para o conteúdo de história, entretanto, o movimento enfatiza a necessidade de ligação com outras disciplinas, principalmente da geografia. De acordo com o documento:

*O objetivo principal é que os alunos se situem no tempo histórico, compreendam as transformações das sociedades e ampliem o seu horizonte de conhecimentos gerais em relação ao seu mundo próximo, mas também em relação ao país e ao mundo, Junto com geografia. Esta disciplina é espaço privilegiado de formação político-ideológica, de caráter científico e voltado à compreensão da própria realidade (CADERNO DE EDUCAÇÃO, 1995, p.152)*

Para observação, cabe aqui apontar os conteúdos que o Caderno de Educação nº1 sugere como necessário para o aprendizado da disciplina História.

- a) *“Revisão dos conteúdos trabalhados, de 1ª a 4ª séries, com aprofundamento: história da família, do assentamento, do município, do Estado”.*
- b) *“Organização das comunidades indígenas na América pré-colombiana: O perfil das diversas culturas indígenas”.*
- c) *“A conquista européia da América. Destruição das comunidades indígenas. Reorganização dos modos de propriedade, de trabalho e de produção. O “descobrimento” do Brasil”.*
- d) *“A organização econômica das colônias americanas. Mecanismos de dominação e resistência presentes na exploração colonial. As principais lutas de independência”.*
- e) *“O processo de expansão do capitalismo. Estudo das duas grandes guerras mundiais. A guerra fria e a expansão do socialismo”.*
- f) *“Estudo das revoluções socialistas: Rússia, China, Cuba...”*
- g) *“A construção da cidadania e da participação em diferentes tempos históricos”:*
  - *“Na Grécia antiga”;*
  - *“No período da Revolução Francesa”;*
  - *“Nas lutas dos trabalhadores no processo de industrialização ( estudar sobre a primeira greve, o significado do 1º de maio...)”;*
  - *“Na luta pela terra. Estudar as lutas principais no Brasil e América Latina”;*

• *“Nos Movimentos Populares: fazer estudo dos principais Movimentos Populares atuantes hoje”.*

h) *“Estudo sobre o Estado brasileiro. Evolução, constituição, como funciona a máquina do Estado capitalista. Análise dos governos republicanos, chegando até ao atual. A dinâmica das eleições em nossa sociedade. Os três poderes, suas relações, suas crises”.*

i) *“Símbolos Nacionais: história e significados. Símbolos da luta popular. Estudo sobre os símbolos do MST e como utilizá-los”.*

j) *“Partidos Políticos no Brasil: história e análise dos programas e atuação dos principais partidos que existem hoje. A trajetória dos trabalhadores em busca de um partido que represente seus interesses.”*

k) *“Sindicatos: como se organizam. Quais os mais expressivos. Conhecer o funcionamento de alguns através de visitas de estudo”.*

Ambos os documentos abordam questões fundamentais para a construção identitária do movimento. O documento que aborda os anos iniciais possui uma ênfase primeira na história do movimento e do mundo mais próximo. Já o segundo, que compreende os anos finais, aborda essas questões, mas amplia o conhecimento para experiências ocorridas em áreas que não apenas o assentamento, mas numa proporção global. Abordando temáticas que são de interesse do movimento ou análogas e similares a ele, sobretudo nos aspectos que tangem a participação popular, a subversão da ordem estabelecida e o conhecimento acerca dos caminhos em que se pode alterar a realidade no Brasil. Abordando, principalmente, as temáticas da exclusão social e da vida dos trabalhadores como exemplo para formação político-ideológica dentro do movimento. Um exercício de alteridade que faz com que os educandos se vejam em experiências passadas e em sociedades distintas podendo vir a agir como agentes da transformação da realidade. Nesse sentido, ao vislumbrar a história de demais grupos considerados subalternos, há uma possível aproximação a ser feita com a “História vista de baixo”, perspectiva teórica abordada pelo historiador inglês E. P. Thompson em seu célebre livro *Costumes em Comum: estudos sobre a cultura popular tradicional*, lançado em 1980, e traduzido no Brasil em 1998 pela editora Companhia das Letras, que busca em seu tempo, conhecer as narrativas daqueles que por muito tempo não tiveram suas vozes ouvidas. É neste reconhecimento a

partir da subalternidade de outros grupos que será mobilizado o conceito de passado prático.

Utilizando como base estes conteúdos destacados, o acervo de memórias e histórias do movimento e demais grupos oprimidos pode embasar as ações no presente do movimento. Esta concepção de acervo que embasa e influencia as ações no presente será melhor desenvolvida ao longo do artigo.

## **O ensino de História e o passado prático: a história como ferramenta educativa voltada para a reflexão e fortalecimento do movimento.**

### **A história é uma das pedagogias do movimento**

De acordo com Marizete Lucini, a história não é apenas uma disciplina do conhecimento, mas um princípio educativo, uma dimensão importante de todo processo pedagógico. De acordo com a autora, é tarefa da disciplina cultivar a memória do movimento, da luta dos pequenos agricultores e da luta coletiva dos trabalhadores em nosso país e no mundo. É fundamental nesta pedagogia da História despertar nos sem-terrinha<sup>14</sup> o desejo por conhecer as suas raízes e perceberem-se como sujeitos da história. A História como disciplina é parte fundamental na formação do sujeito sem terra e possui como intencionalidade a pretensão de uma transformação, isto é uma ruptura na ordem social estabelecida. Desse modo, ainda segundo a autora, a História é compreendida não apenas como uma questão educativa, mas formativa na vida dos educandos. (LUCINI, 2005, p.4)

Como já fora abordado, na pedagogia do movimento, a compreensão dos conteúdos se dá a partir da realidade dos educandos. Desse modo, se pode pensar como as temáticas sugeridas são abordadas, pois tendo como objetivo entre os estudantes situar-se no tempo histórico e utilizando da experiência destes, a tendência é de que haverá uma espécie de reconhecimento entre oprimidos de outrora e do movimento. Desse modo, o exercício de alteridade é inevitável, pois

---

<sup>14</sup> Os Sem-terrinha são as crianças do movimento. Filhos de assentados ou acampados. São parte integrante e uma das prioridades da educação do MST.

percebendo o histórico de exclusão dos povos e reconhecendo-se como a continuidade deste processo, surgirão questões de como modificar a realidade, como os antepassados puderam resistir, quais estratégias foram adotadas, etc. Sendo dotado de experiências dos excluídos da história e conhecendo suas maneiras de resistência e transformação, o estudante estará munido de estratégias que influenciam suas ações no cotidiano.

O ensino de História nas escolas do movimento está associado à mesma perspectiva de pedagogia libertadora que se utiliza das experiências dos educandos para construir o conhecimento. Dessa forma, ao se estudar determinados assuntos históricos de forma não conteudista, o que é buscado e explorado a partir de determinados disparadores que o movimento chama de “Temas Geradores”<sup>15</sup> (CADERNO DE EDUCAÇÃO N°1, 1992, P.8) são as possíveis mudanças que a sociedade carece, a percepção das injustiças históricas pelas quais os povos padecem e a possibilidade de utilizar da imaginação para se pensar futuros alternativos. A compreensão do passado não necessariamente pela experiência somente do movimento, mas de grupos marginalizados que o movimento enxerga como seu semelhante, numa perspectiva semelhante à consciência de classe.

O aspecto destacado de utilizar das experiências dos membros do movimento para construir conhecimento e realizar a leitura das relações mundanas será aqui analisada a partir da concepção do conceito de “*Passado prático*” de Hayden White e suas implicações, desenvolvido na obra homônima “O passado Prático”, de 2018. Assim como o MST busca produzir o conhecimento histórico, Hayden White criticava a concepção de “*passado histórico*”. Este “passado” de caráter cientificista se propõe neutro, isento de qualquer uso prático do conhecimento histórico no presente. Este modelo criticado pelo autor não é útil para o MST, pois o movimento busca utilizar-se do passado pensando em criar alternativas de futuro e modificá-lo desde o presente a partir do que considera justo e legítimo embasado pela experiência histórica dos oprimidos. Ou seja, o MST de forma consciente utiliza do conhecimento sobre o passado para desvelar suas ações no presente e, de forma consciente ou inconsciente desenvolve ou se aproxima do conceito de “*passado prático*” na prática.

---

<sup>15</sup> Temas Geradores são uma maneira de aproximar o conteúdo propriamente dito da realidade dos educando. Uma espécie de disparador para contextualizar a discussão.

A partir da utilização deste conceito, a História, que sempre deixou um lugar reservado na subalternidade para os movimentos sociais populares, quando mobilizada a partir da noção de *passado prático* passa a atuar em prol de sua causa. Nessa perspectiva, o MST passa a ter a História a seu favor, mobilizando seus integrantes, produzindo literatura sobre o movimento, canções que encorajam os agricultores, que contribuem na construção de identidade enquanto coletivo que luta por uma causa comum. Ou seja, a História e a memória do movimento são fundamentais para a continuidade da luta. Além disso, através destas manifestações, que não ficam somente no interior do movimento, há a difusão destes discursos produzidos. Dessa forma, com toda a circulação que estas produções adquirem, muitas vezes, passam a ter uma parcela maior da sociedade brasileira a ter conhecimento sobre a questão da terra, que de forma direta ou indireta lhe toca que passa ou não a lhe apoiar, dependendo do matiz política que adota, se dos oprimidos ou dos opressores.

*“Na luta pela terra, os Sem-Terra se educam enquanto se organizam, marcham, negociam, produzem. Educam-se, também na medida em que cultivam a memória de suas lutas, em que registram a história que constróem, em que situam suas experiências num contexto histórico mais amplo, olhando para as histórias passadas, para as conjunturas, que condicionam a sua trajetória como trabalhadores que lutam pela terra”*  
(LUCINI APUD CALDART, 2005, p.5)

De acordo com o Caderno de Educação Nº1 *“Como fazer a escola que queremos”*, o movimento explicita o que quer na área de estudos sociais, o segundo tópico aponta para o resgate da memória histórica do povo trabalhador, principalmente nos elementos que auxiliam no avanço da luta. De acordo com Roseli Caldart, pedagoga e coordenadora de educação no Iterra<sup>16</sup>, muitos dos agricultores que chegam ao movimento são analfabetos. No entanto, quando passam a ser membros do movimento social começam a ter contato com a memória do grupo. A partir daí, conhecendo a memória do coletivo, tornam-se conscientes da legitimidade de suas lutas, muitos passam a narrar episódios de suas batalhas, aspectos de sua dura realidade, seus anseios e suas alegrias. Muitas vezes sem saber escrever e sentindo a necessidade de expressar a realidade vivida pelos integrantes do movimento surgem hinos de luta decorados na memória, poemas, trovas nos quais os companheiros de luta também se identificam e se solidarizam. O

---

<sup>16</sup> Instituto Técnico de Capacitação e Pesquisa da Reforma Agrária. Fundado em 1995, o Iterra é uma associação educacional e de pesquisa que tem sua sede em Veranópolis, no RS.

fato de a maioria das vezes estas pessoas não terem suas vozes ouvidas e seus direitos básicos respeitados contrastado com a adesão do movimento e a importância que adquire um integrante que possa falar pelo grupo como um todo, faz com que estas pessoas analfabetas procurem aperfeiçoar suas técnicas. (CALDART, 1987 p.48) É de forma voluntária que muitas destas pessoas procuram aprender a técnica da escrita e por vezes manifestar cada vez de forma mais contundente as lutas travadas pelo MST.

A importância da alfabetização e do conhecimento da memória do coletivo se potencializam e podem ser percebidos neste aspecto e em muitos outros. Os sem-terra relatam a experiência transformadora da alfabetização a partir da educação libertadora. Aprender a ler o mundo de maneira crítica e poder assim registrar e expressar seus sentimentos, suas vozes caladas e que, dentro do movimento podem ser ouvidas e utilizadas como forma de exprimir os anseios não apenas individuais, como o de seus pares com experiências semelhantes, senão iguais ou ainda as mesmas.

Cabe aqui destacar uma dessas manifestações:

*Agricultor e operário  
sem ligar pra comentário  
precisamos nos dar as mãos.  
As duas classes, eu sustento,  
somos noventa por cento  
de toda população  
só por estarmos separados,  
estamos sendo dominados  
por meia dúzia de tubarão (ADÃO PRETTO, RS)*

Desse modo, associando a história de opressão na qual os pequenos agricultores sofreram em toda a história do Brasil, que sempre privilegiou e nunca combateu os ilegais latifúndios, ao contexto desfavorável para a dignidade dos sem-terra e ao fomento do conhecimento da memória histórica do movimento, há um terreno fértil para a efervescência dessas manifestações culturais . Entretanto,

com pessoas analfabetas e vítimas frequentemente fatais do sistema capitalista, estas manifestações riquíssimas da luta e do cotidiano dos sem-terra, muitas vezes, morrem com seus eleitores e se perdem na memória daqueles que dela participaram.

Não é por acaso que, quando alfabetizados os sem-terra criam seus hinos, bandeiras de luta, músicas, poesias que expressem a dura realidade vivida no campo, suas dificuldades. De acordo com Luís Cláudio Figueiredo, em momentos de crise social o ser-humano impedido de manifestar-se de forma livre, oprimido e sem voz diante da situação é comum que manifeste os seus sentimentos em formas diversas, é o conceito conhecido como *subjetividade privatizada* (FIGUEIREDO, 2008, p.48). Nesse sentido, o pensamento de Marizete Lucini dialoga entre o pensamento de Paulo Freire e o conceito de subjetividade privatizada.

*A pedagogia libertadora, proposta que emerge a partir de Paulo Freire, adentra ao campo filosófico do existencialismo, que se enraíza na vida e a partir dela, propõe um constante refletir sobre os caminhos da libertação. A alfabetização, na concepção da educação libertadora, pressupõe escrever e ler não somente a palavra, mas também os sentidos, mundo, em que a existência se dá na mundanidade. “Talvez seja este o sentido mais exato da alfabetização: aprender a escrever sua vida, como autor e como testemunha de sua história, isto é biografar-se, existenciar-se, historicizar-se”. (LUCINI, 2005, p.6)*

O conhecimento acerca do passado e histórico para o movimento não está limitado ao momento da sala de aula. O conhecimento histórico é indissociável do *modus operandi* do movimento. A relação da tríade passado, presente e futuro se dá de uma maneira em que todos estes “tempos” se relacionam. Neste caso, se aprende com o passado e no presente se pensam alternativas para um futuro distinto da fatalidade dos tempos, como uma mera continuidade desligada das ações do presente.

Não limitada ao espaço da sala de aula, a historicização é contemplada no cotidiano do movimento. Na mística<sup>17</sup> do movimento, ocorre uma espécie de transfiguração temporal, espacial, pessoal. Neste evento, ritual profano, promovido pelos integrantes, há a exibição teatral de anedotas com verossimilhança e ou fatos históricos dos quais o movimento tenha vivido ou visto como experiência capaz de passar algum aprendizado ou reflexão ao coletivo de modo a encorajar e dotar os

---

<sup>17</sup> A Mística do MST é uma ferramenta de educação na formação da militância. Uma espécie de ritual em que são compartilhados sentimentos, expressões artísticas e outras maneiras de encorajar a continuidade da luta.

integrantes de esperança. É um momento em que se revivem cenas como o massacre do Eldorado do Carajás<sup>18</sup>, a origem do movimento, ocupações e fatos marcantes da história do coletivo. Não se restringindo a história do MST, pode-se recriar experiências ocorridas em outros tempos, outros lugares em que indivíduos em uma realidade de exclusão como a dos sem terra conseguiram subverter a ordem e conquistar direitos.

Além de ser um momento em que se tem acesso ao conhecimento histórico de uma maneira encenada, refletida e crítica. A mística serve também como uma maneira de manter a memória do movimento e demais grupos oprimidos viva no imaginário daqueles que buscam a transformação da realidade, demonstrando a sistemática de exclusão e fortalecendo a identidade do grupo.

*Matriz da História nos remonta à memória como uma vacina contra a morte; só se projeta o futuro se a raiz do presente for funda, for histórica. A memória histórica nos é cara para a luta e para a formação de consciência, assim, trazer ao presente a história nos mostra a identidade coletiva de classe, expressa na história de cada indivíduo, nas raízes, no entender de cada um sobre o mundo (Caderno de Educação nº14, 2017, p.177)*

Além da utilização do conhecimento acerca do passado para se pensar alternativas de futuro e ações no presente, é fundamental na pedagogia do movimento o uso da imaginação. É curiosa a analogia, mas o afastamento da história como ciência, o desligamento da *História disciplinada* (AVILA, 2018), isto é, também engessada e limitada transforma a sala de aula em um laboratório onde se pode experimentar o novo, o diferente, o inacessível. Ao invés de reações químicas, se pode simular a reação de educandos em situações em que passam de oprimido a detentor de poder e a possibilidade de intervenção propondo soluções. Neste laboratório que é a aula de história é possível, assim como na física, ignorar o atrito, desconsiderar o anacronismo ou como na química, se expõe gases à CNTP, criar situações utópicas e idealizar sociedades distintas e alternativas em que os alunos possam realizar um exercício de alteridade, desenvolvendo e estimulando a percepção de novas possibilidades a serem vividas mesmo que fujam à realidade concreta.é útil

---

<sup>18</sup> No dia 17 de abril de 1996, após bloquear uma rodovia, 19 trabalhadores sem-terra foram assassinados no Pará. O massacre teve cobertura da mídia nacional e internacional. Os movimentos sociais escolheram a data como “dia internacional da luta pela terra”.

Essa ruptura com o engessamento de uma aula tradicional, com um professor detentor de todo o conhecimento que deve ser transferido para o aluno sem demais questionamentos e reflexões, permite a ampliação não apenas do espaço da sala de aula, mas também das relações temporais estabelecidas. Os limites da sala de aula são estendidos através da imaginação que transcende a qualquer limitação temporal, fronteira, de gênero e de classe. “A *imaginação é o território da criação*”. (Pereira, 2020, p.50). Nesse sentido, se pode imaginar imprevisíveis futuros, pensar o impensado, dialogar com diferentes concepções de mundo e da vida, alargando as possibilidades e visões de futuro e as soluções para a sua transformação (Pereira, 2020, p.50)

De acordo com Hayden White, ao se fazer ciência e adotar as técnicas do caráter científico, a produção histórica tornou-se limitada a uma forma narrativa que associa o presente diretamente como um desdobramento do passado. Este autor problematiza esta noção de conhecimento histórica que ele chama de *passado histórico* e sugere a noção de *passado prático* como um meio alternativo para se pensar o passado, o presente e alternativas de futuro. Esta noção desenvolvida pelo autor não está ancorada em um modelo científico e utiliza da imaginação para se acessar o passado e aprender com este.

*O passado prático é composto por todas aquelas memórias, ilusões, porções de informações errantes, atitudes e valores que o indivíduo ou grupo convocam das melhores maneiras possíveis para justificar, dignificar, escursar, fazer álibi ou defender ações a serem tomadas na busca de um certo projeto de vida. (WHITE, 2018, p.8)*

Portanto, a educação dentro do MST é um meio de resistência destes agricultores, que excluídos da sociedade se unem através do movimento e constroem sua identidade como coletivo de luta. A educação libertadora, ao utilizar métodos alternativos de educação pensados dentro do movimento serve aos mesmos e, assim a resistência frente a opressão se retroalimenta, pois, ao utilizarem o conceito de *passado prático* como forma de ensino de história faz com que os integrantes do movimento deixem de ser passivos frente ao conhecimento do passado. A partir disso, munidos da memória do movimento e do conhecimento histórico passam a agir e intervir no presente pensando em um futuro distinto,

evitando uma ideia de inevitabilidade dos fatos e de um futuro desconhecido que não pode ser modificado a partir de ações que o antecedem . Ou seja “há um passado e um futuro que estão cindidos no presente, nas ações históricas de um determinado grupo” (LUCINI, 2005. p.5)

*A história é pensada como uma dimensão significativa do processo educativo de formação dos Sem Terra, em que lhe é atribuído um valor pedagógico que necessita de uma intencionalidade pedagógica para efetivar-se como possibilidade “para pretender algum tipo de transformação” (LUCINI, 2005, p.4)*

Nesse sentido, se pode entender o conhecimento histórico como um acervo de experiências próprias ou de terceiros em um exercício de alteridade que funciona como um norteador para as ações e questões do presente para que se pense um futuro distinto.

Nesse sentido pode-se entender o que é mencionado como a retroalimentação da resistência, pois enquanto não houver justiça no campo e a realização de uma reforma agrária nos moldes constitucionais, os agricultores sofrerão com a opressão e exclusão na sociedade. Com isso, se juntarão ao Movimento Sem Terra ou semelhantes e assim terão acesso à educação e perceberão as injustiças das quais são vítimas. Ao se ter consciência destas mazelas seguirão se organizando, ocupando, reivindicando, ou seja, resistindo, até que haja a tão sonhada reforma que acabe com a concentração de terras no Brasil.

## **Conclusão**

O artigo demonstra a importância da pedagogia do ensino de História, considerando o conhecimento histórico agregado, mas também e fundamentalmente, o passado prático. Mais do que uma maneira de aquisição de conhecimento, esta maneira de ligação com o passado torna-se uma forma de resistência diante da realidade que os exclui da sociedade. Desse modo, cada vez menos a foice e enxada são os meios com os quais os sem terra lutam pela conquista da terra e exercício da cidadania e, cada vez mais, a produção escrita,

artística, proporcionados pelo passado prático na prática, se tornam armas na luta pela reforma agrária.

A proposta de educação no MST é pensada para o coletivo de seus integrantes. Cruzando trabalho e educação em uma mesma pedagogia, a luta torna-se mais fácil no sentido da contribuição dos conhecimentos no uso prático da vida do agricultor, mais culta no sentido do conhecimento acerca de diferentes realidades e distintas sociedades, talvez mais sofrida pela consciência da exclusão na qual vivem. Entretanto, esperançosa por se ter conhecimento de exemplos históricos de transformações na sociedade e do seu histórico de conquistas, que a partir do conceito mobilizado passam a ter papel fundamental nas ações do presente.

O sistema dominante associado aos latifúndios no campo e a monocultura estão diretamente associados à exclusão de camponeses do acesso à terra, muitos destes acabam se agregando ao movimento movidos pela expectativa na melhoria das condições de vida para se obter um mínimo de dignidade. Entretanto, mais do que as condições básicas de sobrevivência, o integrante do movimento terá acesso. No acampamento ou no assentamento este terá contato com a memória do coletivo, ao conhecimento histórico, à educação. Ou seja, será dotado de conhecimentos fundamentais para a leitura da realidade e das relações sociais que passarão a influenciar nas suas ações do cotidiano.

De forma ambivalente se pode falar em leitura, pois além do sentido de interpretação do cotidiano, poderá ser alfabetizado e ler no sentido prático da palavra. Por razões sociais, psicológicas e históricas, o sem terra demonstra sua potência em resistir, seja nas marchas, na produção de poesias, na derrubada de cercas ou de diversas outras maneiras. O conhecimento acerca do passado dinamiza, legitima e encoraja a manutenção da luta, já a educação como um todo viabiliza este processo.

A educação, desse modo, sobretudo o ensino de história fornecem subsídios para a continuidade da luta, através do conhecimento do passado histórico do movimento, da possibilidade em expressar os anseios do coletivo, os sem-terra conseguem angariar apoio, fazer suas vozes serem ouvidas e denunciar seus

direitos violados. Mais do que a conquista da terra pode ser esperado, também a conquista do exercício da cidadania dentro e fora do movimento.

## Referências

ANTONIO, Clésio Acilino; LUCINI, Marizete. Ensinar e aprender na educação do campo: processos históricos e pedagógicos em relação. *Cadernos Cedes*, Campinas, v. 27, p. 177-195, 2007.

ASSUNÇÃO, Valmir. Online 24/01/2014. Disponível em: [Valmir Assunção: A necessidade da Reforma Agrária para o Brasil - MST](#). Acesso em: 31/03/2023.

AVILA, Arthur Lima. Indisciplinando a historiografia: do passado histórico ao passado prático, da crise à crítica. *Revista Maracanan*, n. 18, p. 35-49, 2018.

BALDO, Ana Maria; GARCIA, Elisete Enir Bernardi. Pedagogia do MST: uma construção com a presença de Paulo Freire. *Revista de Estudos Aplicados em Educação*, São Caetano do Sul, v. 6, n. 11, 2021.

CALDART, Roseli Salete. *Sem-terra com poesia: a arte de re-criar a história*. São Paulo: Vozes, 1987.

CAMINI, Isabela. *Escola itinerante dos acampamentos do MST: um contraponto à escola capitalista?*. 2009. 254 f. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

CAMINI, Isabela. *O cotidiano pedagógico de professores e professoras em uma escola de assentamento do MST: limites e desafios*. 1998. Dissertação. (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1998.

DOS SANTOS, Ramofly Bicalho. **O Projeto Político Pedagógico do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra: trajetórias de educadores e lideranças**. 2007. Tese de Doutorado. UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS.

FIGUEIREDO, Luís Cláudio M.; DE SANTI, Pedro L. Ribeiro. *Psicologia: uma (nova) introdução*. São Paulo: EDUC–Editora da PUC-SP, 2021.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido*. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2014.

MORIGI, Valter. *Escola do MST: utopia em construção*. 2002. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.

MORISSAWA, Mitsue. *A luta pela terra e o MST*. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

PERLI, Fernando. Além da terra, o direito ao passado: notas sobre o ensino de história no MST. *Política & Trabalho*, João Pessoa, n. 45, 2016.

PEREIRA, Nilton Mullet. O que pode a imaginação na aprendizagem histórica?. *CLIO: Revista Pesquisa Histórica*, Recife, v. 38, n. 1, p. 48-67, 2020.

PERLI, Fernando. Além da terra, o direito ao passado: notas sobre o ensino de história no MST. *Política & Trabalho*, João Pessoa, n. 45, 2016.

SAYAD, João. Especulação em terras rurais, efeitos sobre a produção agrícola e o novo ITR. *Pesquisa e planejamento econômico*, v. 12, n. 1, p. 87-108, 1982.

THOMPSON, E. P. *Costumes em Comum: estudos sobre a cultura popular tradicional*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

WHITE, Hayden. O passado prático. *ArtCultura*, Uberlândia, v. 20, n. 37, p. 9-19, 2018.

#### **Documentos consultados:**

CADERNOS DO ITERRA. ITERRA - Memória Cronológica. Caderno do Iterra nº1. Veranópolis. 2001.

MOVIMENTO SEM TERRA. Como fazer a escola que queremos. Caderno da Educação nº 1. São Paulo, 1992.

MOVIMENTO SEM TERRA. Alfabetização. Caderno da Educação nº 2. São Paulo, 1998.

MOVIMENTO SEM TERRA. Alfabetização de Jovens e Adultos: didática da linguagem. Caderno da Educação nº 4. São Paulo, 1994.

MOVIMENTO SEM TERRA. Como fazer a escola que queremos: o planejamento. Caderno da Educação nº 6. São Paulo, 1995. 58

MOVIMENTO SEM TERRA. Princípios da educação no MST. Caderno da Educação nº 8. São Paulo, 1996.

MOVIMENTO SEM TERRA. Como fazemos a escola de educação fundamental. Caderno da Educação nº 9. São Paulo, 1999.

MOVIMENTO SEM TERRA. Dossiê: MST Escola, documentos e estudos 1990-2001. Caderno da Educação nº 13. São Paulo, 2005

MOVIMENTO SEM TERRA. Educação no Mst Memória - documentos 1987-2015. Caderno de educação nº13. São Paulo, 2017.

MOVIMENTO SEM TERRA. Escola: trabalho e cooperação. Boletim da Educação n° 4. São Paulo, 1994.

MOVIMENTO SEM TERRA. Como deve ser uma escola de assentamento. Boletim da Educação n° 1. São Paulo, 1992. MOVIMENTO SEM TERRA. Como trabalhar a mística do MST com as crianças. Boletim da Educação n° 2. São Paulo, 1993